
Culturas juvenis: uma análise interseccional das *aesthetics girls* no Pinterest¹

Amanda Maria de Sobral GOMES²
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

O artigo propõe a análise do fenômeno das *aesthetics girls*. Para isso, é feita a fundamentação teórica dos conceitos de cultura, subcultura e *aesthetics*, explorando as condições para os seus surgimentos. A metodologia busca analisar 18 imagens observando quais corpos são apresentados por meio da ferramenta de busca do Pinterest. Como principais resultados, foi possível notar uma grande presença de corpos brancos, magros e dentro do que foi socialmente construído como feminino.

Palavras-Chave: *aesthetics*; culturas juvenis; Pinterest; subculturas; tribos urbanas.

INTRODUÇÃO

O artigo busca fazer uma análise acerca do fenômeno das *aesthetics girls*, observando quais corpos estão em foco nos resultados de buscas da rede social de imagens e vídeo, Pinterest. Guiada pela pergunta: *quais são os principais corpos apresentados no Pinterest ao pesquisar por aesthetics?*, proponho fazer uma análise interseccional sobre o tema.

Para isso, será feita uma revisão teórica sobre os conceitos de interseccionalidade, cultura, subcultura e *aesthetic*. O objetivo é observar como o processo de construção e expressão de identidades de jovens surgiu e foi se desenvolvendo ao longo dos anos. Por isso, é feita uma reflexão sobre as culturas e seus desdobramentos, considerando discussões sobre racismo e sexismo. Sobre as *aesthetics*, serão observadas o cenário mundial que impulsionou a sua popularização, tendo a pandemia de Covid-19 como um dos principais motivadores.

Como metodologia, foi feito um levantamento das *aesthetics* mais relevantes no Brasil em 2021 – ano marcado pelo distanciamento social devido a pandemia –, chegando nas seguintes *aesthetics*: *Cottagecore*, *Kidcore* e *Witchcore*. A partir disso, por meio de uma página de visitante, foi feita a busca pelas estéticas no Pinterest e selecionada seis fotos de cada uma, que tivessem pessoas, para analisar os resultados

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social pela UFMG, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Bacharel em Jornalismo pela UFMG. E-mail: amandamaria.amsg@gmail.com.

apresentados pela plataforma. Como principais resultados da pesquisa, é possível notar a presença de corpos brancos, magros e com itens socialmente construídos como femininos. Pessoas que fogem desse padrão são minoria ou ausentes.

Dessa forma, o trabalho traz resultados relevantes para a comunicação, pois, além de tratar de um fenômeno atual, o faz com uma perspectiva interseccional, que traz maior complexidade para as análises ao olhar para as diferentes opressões interseccionais e realidades plurais.

METODOLOGIA

Primeiramente, foi feito um levantamento das *aesthetics* mais relevantes no Brasil por meio do *site* Steal the Look, dedicado à moda e suas tendências, e Air Brush, uma plataforma de edição de imagens que possui um *blog* dedicado a tendências de arte visual. Foi utilizada as publicações: “Conheça as 8 tendências core aesthetic que estão bombando³”, publicado em 22 de março de 2021, no *site* Steal the Look; e “Top 10 Aesthetics de 2021: Relembra as trends do ano⁴”, publicado em 16 de dezembro de 2021, pelo *blog* do Air Brush. O Steal the Look mapeou as *aesthetics* *Kidcore*, *Lovecore*, *Witchcore*, *Cottagecore* e *Spacecore* como as mais influentes no início do ano. Já o Air Brush, apontou *Cottagecore*, *Kidcore*, *Soft Girl*, *Indie Kid*, *Preppy*, *Dopamine Dressing*, *Witchcore*, *Anos 2000*, *StreetWear* e *Alfaiataria Cool* como as principais do ano. Foram selecionadas as *aesthetics*: *Cottagecore*, *Kidcore* e *Witchcore*.

Segundo, por meio de uma janela de visitante, proporcionada pelo Google, foi acessado o *site* Pinterest “uma plataforma de descoberta visual para encontrar ideias como receitas, inspiração para sua casa e estilo, e muito mais” (Pinterest). Essa medida foi tomada para evitar que os resultados aparecessem com base na personalização do algoritmo da conta pessoal da autora.

O terceiro passo realizado foi a coleta por meio das palavras-chave: “Cottagecore girl aesthetic”, “Kidcore girl aesthetic” e “Witchcore girl aesthetic”, tendo os resultados apresentados na Figura 1. Essas palavras-chave foram escolhidas para assegurar que os resultados mostrassem fotos de pessoas.

³ Disponível em: <https://stealthelook.com.br/conheca-as-8-tendencias-core-aesthetic-que-estao-bombando/>. Acesso em: 28 jun. 2024.

⁴ Disponível em: <https://airbrush.com/pt/blog/top-10-aesthetics-de-2021-relembra-as-trends-do-ano>. Acesso em: 28 jun. 2024.

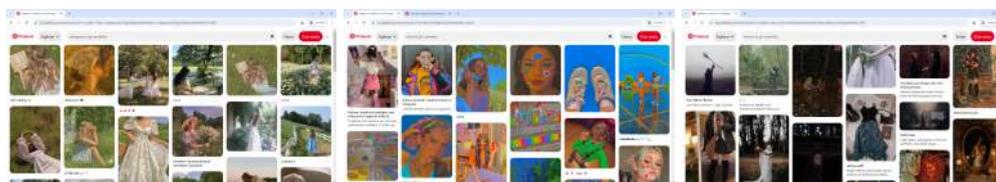


Figura 1 – “Cottagecore girl aesthetic”, “Kidcore girl aesthetic” e “Witchcore girl aesthetic”, respectivamente (Fonte: Pinterest. Montagem da autora).

Assim, foram selecionadas as seis primeiras imagens do resultado da busca que tivessem fotos de pessoas representando as estéticas: *Cottagecore* (Figura 2), *Kidcore* (Figura 3) e *Witchcore* (Figura 5), totalizando 18 fotos.



Figura 2 – *Cottagecore* (Fonte: Pinterest. Montagem da autora).



Figura 3 – *Kidcore* (Fonte: Pinterest. Montagem da autora).



Figura 4 – *Witchcore* (Fonte: Pinterest. Montagem da autora).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A *interseccionalidade* é a lente analítica adotada no trabalho e pode ser entendida como uma “abordagem que afirma que os sistemas de raça, classe social, gênero, sexualidade, etnia, nação e idade são características mutuamente construtivas de organização social que moldam as experiências das mulheres negras e, por sua vez, são formadas por elas” (Collins, 2019, p. 521). Há um sistema de opressões que agem de

forma conjunta e complexa na vida de uma pessoa, não havendo separação ou hierarquia. O termo, criado por Kimberlé Crenshaw, em 1989, possibilita a articulação de identidades, dando visibilidade às opressões vividas por grupos sociais não-hegemônicos e/ou marginalizados, tendo as mulheres negras como ponto de partida. “A interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos” (Akotirene, 2018, p. 37).

Será abordado sobre o conceito de *cultura* que “remete ao campo das significações e representações” (França *et al*, 2015, p. 109) e que deve ser entendida como plural e constantemente modificada e/ou reforçada. A seguir, será abordado sobre as *subculturas*, um conjunto de crenças, valores e normas compartilhados por uma parcela menor de uma determinada cultura, podendo ser locais ou translocais. Elas servem como uma forma de disputa e desafio à cultura dominante, mostrando resistências e ressignificações (Hall *et al*, 2006). Apesar disso, ambas coexistem e, nem sempre as subculturas vão ter um posicionamento agressivo. As subculturas juvenis, que começaram a surgir na década de 1950, será abordada para pensar no surgimento do fenômeno da juventude (Goffman, Joy, 2007; Thomé, 2016; Milani, 2023; Kipper, 2023). Será conceitualizado a *aesthetic*, fenômeno impulsionado pelo isolamento social em tempos de pandemia de Covid-19, caracterizadas pela sua fluidez, fácil identificação e consumo. A *internet*, as compras *online* e as *ultra-fast-fashions* promoveram ainda mais o hiperconsumismo, sendo as redes sociais e espaços privados os principais locais para a exibição e expressão das *aesthetics* (Kennedy, 2020; Dagalp, Hartmann, 2022; Melo, 2023; Assunção, 2023).

Dessa forma, é possível olhar o fenômeno das *aesthetics* com a perspectiva interseccional, para observar de forma complexa os corpos mais representados na coleta, bem como, questionar a lógica de produção e compartilhamento de conteúdos na *internet*, considerando: o racismo algorítmico, que invisibiliza e estereotipa pessoas não-hegemônicas; a ação humana, que influencia diretamente os banco de dados e criação de palavras-chave que vão impactar nos resultados de busca (Silva, 2021; Carrera, 2021; Gomes, 2024).

PRINCIPAIS RESULTADOS

Na estética *Cottagecore*, há majoritariamente mulheres brancas – com exceção de uma garota negra e uma amarela –, magras, com cabelos lisos ou ondulados, com elementos que remetem ao que foi socialmente construído como feminino, como vestidos, laços, flores e cores claras. Em *Kidcore*, embora a maioria seja branca e magra, há a presença de uma garota negra e uma gorda, mas ainda com cores e elementos femininos. Já em *Witchcore*, todos os resultados mostram mulheres brancas, magras, com cabelos lisos ou ondulados. Embora deve-se considerar que a bruxaria seja presente no folclore europeu, com a popularização da *aesthetic* no Brasil e no mundo não houve diversidade de corpos nos resultados de busca.

CONCLUSÃO

Apesar do artigo ser uma dentre muitas outras possibilidades para analisar o tema, a perspectiva interseccional permite uma maior complexidade para analisar o fenômeno, considerando as vivências plurais. Embora muitas outras interseccionalidades possam ser acionadas para o estudo das *aesthetics girls*, o trabalho não busca esgotar a discussão, mas sim, ampliá-la e tensioná-la ainda mais. Por fim, é possível notar um grande protagonismo feminino nas *aesthetics*, porém, ela está dentro dos padrões de beleza branco e da cis-heteronormatividade, além de exaltarem aquilo que é socialmente construído como feminino.

Referências

BARBOSA, N. A. C; COSTA, B. P; NUNES, D. M. Espacialidades Otaku: Uma análise sobre corpos femininos no ciberespaço. **5º Workshop de Geografia Cultural “Relações étnico-raciais, Sexualidades e Gênero: Por uma Geografia da Diversidade”**, Alfenas: UFA, 2022, p. 121-146. Disponível em: https://geoculturalunifal.files.wordpress.com/2022/09/anais_5-workshop-de-geografia-cultural_.pdf. Acesso em: 21 jan. 2024.

CARRERA, F. Racismo e sexismo em bancos de imagens digitais: análise de resultados de busca e atribuição de relevância na dimensão financeira/profissional. In: SILVA, Tarcízio (org.). *Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais: Olhares Afrodiaspóricos*. São Paulo: Editora LiterARUA, 2021, ed. 2, p. 147-165. E-book.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019. E-Book.

DAGALP, I; HARTMANN, B. J. From “aesthetic” to aestheticization: a multi-layered cultural approach. **Consumption Markets & Culture**, vol. 25, n. 1, 1-20, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10253866.2021.1935900>. Acesso em: 21 jan. 2024.

FRANÇA, V. V; GONÇALVES, M; MIRANDA, F; OLIVEIRA, L. Cultura. In: FRANÇA, V. V; MARTINS, B. G; MENDES, A. M. (Org.). **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): trajetória, conceitos e pesquisas em comunicação**. Belo Horizonte: PPGCom UFMG, 2015, p. 216-222. E-Book.

GOFFMAN, K. JOY, D. **Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital**. Tradução: Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007, p. 249-396.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GOMES, A. M. de S. Sexismo e racismo algorítmico: um olhar interseccional sobre o neomaterialismo através do Midjourney. **Revista da UFMG**, Belo Horizonte, v. 30, n. fluxo contínuo, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/47587>. Acesso em: 22 jul. 2024.

HALL, S; CLARKE, J; JEFFERSON, T; ROBERTS, B. **Resistance through Rituals: youth subcultures in post-war Britain**. 2ª ed. Abingdon: Routledge, 2006, p.3-10.

KENNEDY, M. ‘If the rise of the TikTok dance and e-girl aesthetic has taught us anything, it’s that teenage girls rule the internet right now’: TikTok celebrity, girls and the Coronavirus crisis. **European Journal of Cultural Studies**, vol. 24, n. 6, 2020, p. 1069-1076. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/136754942094534>. Acesso em: 21 jan. 2024.

KIPPER, H. A. **A happy house in a black planet: introdução à subcultura gótica**. São Paulo: Ed. do autor, 2023.

MELO, L. L. P. **A estetização do cotidiano e a construção identitária na moda entre a geração Z**. 2023. 19 p. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Pernambuco Campus Agreste, Núcleo de Design e Comunicação Curso de Design, Caruaru, PB. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/52732>. Acesso em: 21 jan. 2024.

MILANI, V. P. A contracultura e seus conflitos: a vanguarda e o pop no rock dos anos 1960. **Revista de História e Estudos Culturais**, São Paulo: UNESP, 2023, v. 20, n. 1, 2023, p. 61-80. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/1190>. Acesso em: 21 jan. 2024.

SILVA, T. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. In: SILVA, Tarcízio (org.). **Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais: Olhares Afrodiaspóricos**. São Paulo: Editora LiteraRUA, 2021, ed. 2, p. 127-145. E-book.

THOMÉ, L. Contracultura: o conceito, sua história e seus problemas. **Anais XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS: Ensino, direitos e democracia**, Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: https://www.eeh2016.anpuh-rs.org.br/resources/anais/46/1476382682_ARQUIVO_Contracultur_a.pdf. Acesso em: 21 jan. 2024.